

**COM QUE ROUPA EU VOU? UM OLHAR SOBRE A POSSE DO SEGUNDO
MANDATO DE DILMA ROUSSEFF**

**WHAT CLOTHING SHOULD I WEAR? A CRITICAL STANCE ON THE SECOND
INAUGURATION OF DILMA ROUSSEFF**

Maria Célia Cortez Passetti
Doutora em Letras
Universidade Estadual de Maringá
(passettimcc@hotmail.com)

Silvia Caroline Gonçalves¹
Universidade Estadual de Maringá
(silviacaroll@hotmail.com)

RESUMO: O presente artigo analisa os efeitos de sentidos produzidos na representação de Dilma Rousseff em sua posse do segundo mandato pela instância jornalística. Para tanto, são utilizados os dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa. O material de análise para tal proposta são duas charges *online* de Chico Caruso, veiculadas no site O Globo. O objetivo é entender como os efeitos de sentido produzidos por essas charges podem legitimar ou deslegitimar a figura de Dilma Rousseff do seu lugar social de presidente da república. Os resultados demonstram que tais textos produzem tanto o sentido de legitimação quanto o de deslegitimação, porém este último funciona aliando questões do campo político ao campo feminino, o qual se apresenta, tradicionalmente, como um lugar restrito ao espaço privado, permitindo assim que o humor derrisório se sustente pela memória discursiva machista já cristalizada na sociedade.

Palavras-chave: Dilma Rousseff. Posse. Charges *online*. Legitimação. Deslegitimação.

ABSTRACT: This article analyzes the meaning effects on Dilma Rousseff's idea at her second inauguration by the journalistic instance. To do so, it uses the theoretical-methodological tools from French Discourse Analysis. The analysis material in this work are two cartoons online, created by Chico Caruso, and circulated by the website "O Globo". The main objective in this research is to understand how the meaning effects produced by these cartoons may legitimize or delegitimize Dilma Rousseff's figure as President in the society. The results show that these texts produce as much legitimization as delegitimization sense; however, this latter case works linked to feminine field questions, which, traditionally, presents itself as a restricted place to the private space, allowing that derisory humor sustains itself by the male chauvinism discursive memory, consolidated in society.

Keywords: Dilma Rousseff. Presidential Inauguration. Cartoons online. Legitimization. Delegitimization.

¹ Mestranda em Letras – Linguística pela Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

O primeiro dia do ano configura-se, no imaginário coletivo, como uma oportunidade de renovação de votos, promessas e expectativas. No primeiro dia de um ano pós-eleitoral, há a transferência dessas atitudes para apenas uma figura: o (a) Presidente da República. Nada mais óbvio? Qualquer coisa, menos o óbvio.

A evidência é um efeito discursivo ideológico (PÊCHEUX, 1997a), muito bem explorado pela instância jornalística. Ela funciona em uma relação de visibilidade e apagamento dos acontecimentos, permitindo que determinados dizeres possam prevalecer em detrimento de outros. Nesse processo, é possível considerar que enunciados, os quais aparentemente permeavam uma determinada formulação, podem tornar-se centrais, norteadores de outros dizeres.

A posse do segundo mandato de Dilma Rousseff configurou-se como um exemplo desse mecanismo. Além da notoriedade dada ao discurso proferido pela eleita, diferentemente do que ocorre com o sujeito político homem, houve atenção considerável em relação ao seu figurino, o suficiente para emergir muitas formulações relacionadas ao humor (principalmente no meio digital). Apesar de este caso possibilitar a circulação de novos enunciados, o presente artigo não tem a pretensão de discorrer sobre esse evento especificamente. A escolha pela utilização deste título, então, reside na tentativa de metaforizar o funcionamento desse processo de deslocamento de sentidos, o qual pode estabilizar ou não as práticas discursivas vigentes em um determinado contexto sócio histórico e que só é possível devido à heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 2004) de todos os discursos.

Já a opção pelo gênero discursivo charge é devido ao seu caráter social e ideológico (BENITES; MAGALHÃES, 2010), o qual é reforçado pelo fato desse texto multimodal ter circulação em um suporte da instância jornalística, que por sua vez pode ser considerada, segundo Althusser (1974), como um dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Sabendo-se que o suporte em que uma determinada materialidade significativa circula constitui suas condições de produção e, conforme mencionado, os novos enunciados tiveram maior incidência na internet, optou-se pelas charges que circularam em plataforma virtual.

Este artigo está organizado em três tópicos. Em um primeiro momento, apresentam-se os conceitos que são fundamentais para nortear a análise proposta. Em seguida, faz-se uma breve descrição sobre o gênero textual-discursivo charge. Por último, é desenvolvido um gesto de leitura dessas charges, levando em consideração o suporte em que tais materialidades discursivas circularam e suas condições de produção, na tentativa de refletir sobre como se dá a construção discursiva da (des)legitimação dos sujeitos políticos.

“Agora vou mudar minha conduta” - regularidades e sentidos em um dia de posse

Em torno do acontecimento histórico da posse de Dilma Rousseff, em seu segundo mandato, surgiram vários discursos. Dentre eles, os humorísticos veiculados em plataforma virtual, objeto de nossas análises. Antes de propormos nosso gesto interpretativo, necessário se faz apresentar os conceitos basilares desta teoria, no sentido de sustentar nossos objetivos de análise.

Uma noção bastante cara à Análise de Discurso (doravante AD) é a de sentido, ou melhor, de efeito de sentido. Pêcheux explica que o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico, no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas” (1997b, p. 160).

Ao discorrer sobre as noções de sentido e de efeitos de sentido, Possenti (2002) mostra que na AD o sentido não é visto apenas como transmissão de mensagem ou informação, mas é resultado da interação entre interlocutores em uma atividade enunciativa, em condições de produção sócio históricas específicas. Portanto, afirmar que o sentido é um efeito significa que ele não é algo prévio ao enunciado e não tem um caráter imanente, já que sempre pode derivar para outro sentido, dada a equivocidade da língua na história; e ainda significa que ele depende da enunciação, de forma tal que um mesmo enunciado, em condições de produção diferentes, pode levar a efeitos de sentido diferentes.

A relação do sentido com as condições de produção do discurso vai além das coordenadas espaço-temporais e circunstâncias que determinam as especificidades enunciativas de uma formulação. Elas trazem a representação

imaginária dos lugares sociais em suas relações de força na sociedade e implicam que os sujeitos tomem determinadas posições para enunciar e significar. Orlandi (2013, p.30) explica que as condições de produção abarcam os sujeitos, a situação e a memória, correspondendo no sentido estrito, ao contexto imediato e, no sentido amplo, ao contexto sócio histórico ideológico.

Além das condições de produção, Pêcheux também relaciona o sentido com a noção de formação discursiva, considerando-a necessária para a compreensão dos processos de produção de efeitos de sentido, pois esta determina “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997b, p. 160). Isso corrobora para a ideia de que o sentido não está preso à literalidade dos significantes de uma dada sequência, mas só é “materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva” (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 169).

As formações discursivas, contudo, não são blocos homogêneos bem delimitados, pois são regidas pelas formações ideológicas e a ideologia não funciona como um sistema fechado, mas como se costuma metaforizar em AD, como um sistema cheio de “furos” (MALDIDIER, 2003), então, de igual modo, as formações discursivas (FDs) também possuem brechas para que outros discursos nela venham a produzir falhas, contradições e equívocos. Esta característica das FDs permite que deslocamentos de sentidos sejam possíveis, o que pode ser bem compreendido nas palavras de Pêcheux:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar à interpretação (PÊCHEUX, 1997a, p. 53).

Esse deslizamento de sentidos (efeito metafórico) se dá porque, em AD, o sentido de uma palavra “se resolve na medida em que uma delas pode ser substituída por outra no interior de uma FD” (POSSENTI, 2007, p. 371). Portanto “o

(efeito de) sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras que estão em relação metafórica” (POSSENTI, 2002, p.180).

Os sentidos também são constituídos devido a sua relação com outros já ditos, isto é, com a memória discursiva, que seria “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita [...]” (PÊCHEUX, 1999, p. 52), ou seja, ela não é bem o interdiscurso, mas o efeito deste no acontecimento do dizer.

Há também uma relação entre a constituição de um indivíduo em sujeito e a de sentido. Assim, quando compreendemos a teoria pêcheutiana de que o indivíduo torna-se sujeito de um discurso quando é interpelado pela ideologia que o sustenta, podemos compreender também que é a ideologia que produz a evidência de um sentido único.

Essa evidência produzida pelo efeito ideológico se dá porque o sujeito está afetado por dois tipos de esquecimento, descritos por Pêcheux (1997b; 1997c). Resumidamente, Maldidier (2003, p. 42) explica que o esquecimento número um, de nível inconsciente, corresponde ao esquecimento por parte do sujeito de que ele não é fonte de seu dizer, ou seja, ele esquece que “o sentido se forma em um processo que lhe é exterior”, de forma que “temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes” (ORLANDI, 2013, p. 35). Já o esquecimento número dois, corresponde à “zona em que o sujeito enunciador se move, em que ele constitui seu enunciado, colocando as fronteiras entre o ‘dito’ e o rejeitado, o ‘não-dito’” (MALDIDIER, 2003, p. 42). Orlandi (2013, p. 35) acrescenta que esse é um esquecimento parcial, semiconsciente, e que ao falar de uma maneira e não de outra, formam-se famílias parafrásticas ao longo do dizer, as quais indicam que o (sentido do) dizer sempre pode ser outro.

Note-se que estes conceitos funcionam imbricados, e a separação foi uma escolha para estruturar melhor a apresentação do artigo proposto. No próximo item mobilizaremos esses conceitos para explicar a produção de efeitos de sentido de (des)legitimação de Dilma Rousseff.

Legitimidade, Mídia e Samba: a nova Tríplice Aliança² da política brasileira

Conforme mencionamos anteriormente, a escolha do título tem um propósito metafórico³. Ao fazer referência à música de Noel Rosa “Com que Roupa”, objetivou-se resgatar do imaginário social a resignificação que teve a formulação “com que roupa eu vou” – pois emergiram enunciados que associavam tal excerto com a preocupação feminina em relação ao traje adequado para cada tipo de evento – a fim de que fosse possível resignificá-lo novamente, para introduzir uma breve explanação sobre Formações Imaginárias.

Tal conceito foi apresentado por Pêcheux a partir da reformulação do esquema informacional de Jakobson, para analisar os efeitos de sentidos entre os pontos A e B (que aqui não se trata de sujeitos empíricos, mas de lugares determinados numa dada estrutura de uma determinada formação social) nos processos discursivos. O filósofo explica que

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (PÊCHEUX, 1997c, p.82).

Após traçar um quadro representativo desse processo, Pêcheux acrescenta o referente como parte constitutiva das formações imaginárias, o qual, assim como os protagonistas do discurso, pertence às condições de produção de um determinado processo discursivo. Destaca-se ainda que o referente, nas formações imaginárias, trata-se de um objeto imaginário, isto é, o ponto de vista do sujeito, e não a realidade física.

No entanto, no presente caso, como se propõe uma análise do gênero discursivo charge sobre o “evento posse”, o indivíduo Dilma Rousseff não se configura como um dos sujeitos nas relações de projeções presentes nas formações imaginárias, pois se trata de um discurso sobre o sujeito político, e não do sujeito

²Pêcheux metaforiza as filiações teóricas da Análise de Discurso – Linguística, Marxismo, Psicanálise – com a Tríplice Aliança, por ser um terreno delicado para articulação, motivo de muito “bate-boca teórico e político” (1997b, 293).

³ A metáfora aqui está aplicada como linguagem figurada. Quando nos referirmos à metáfora da AD (no sentido de transferência), optamos por utilizar o termo “efeito metafórico” (ORLANDI, 2013, p.80).

político. Sendo assim, a figura de Dilma Rousseff é tida como referente nesta relação, daí o recorte de sua representação pela mídia, mais especificamente pela instância jornalística.

Reiteramos que esse jogo de imagens não ocorre entre sujeitos empíricos; eles se manifestam no entremeio de lugares sociais e de lugares discursivos. As contribuições de Grigoletto (2005) são pertinentes neste momento. Para ela,

[...] o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica (GRIGOLETO, 2005, p. 5).

À luz dessa afirmação, é possível dizer que a instância jornalística, busca por credibilidade e, para isso, denuncia, interpela, informa. Nesse processo, ela assume um lugar discursivo, onde circulam as formações ideológicas e posições-sujeito diversas.

A instância cidadã também passa pelo mesmo processo de imbricamento entre lugar social e lugar discursivo, e faz suas projeções através de pré-construídos e redes de memória, os quais constituem o interdiscurso. Nesse jogo de imagens, é possível representar o referente de maneira múltipla, desde que tal representação signifique devido a um já dito, isto é, desde que ela constitua a memória discursiva de um determinado contexto sócio histórico. Assim, o fato de emergir enunciados a respeito da roupa escolhida por Dilma Rousseff para a cerimônia de posse de seu segundo mandato possibilitou que as charges propostas fossem produzidas, mesmo que o conteúdo não fizesse referência explícita a isso.

É importante destacar que, ao analisar as formações imaginárias de um determinado processo discursivo, percebem-se também as ideologias que estão em jogo. No caso em questão, um dos efeitos de sentido produzidos pelas charges é a problematização quanto à legitimidade do sujeito político Dilma Rousseff. Alguns mecanismos da linguagem que produzem o efeito de sentido de minimizar o acontecimento histórico “posse do segundo mandato”, já que não é possível apagá-lo, funcionam como uma estratégia muito recorrente no gênero discursivo charge, e que esteve bem marcado no material proposto para a análise.

Cabe aqui delimitar de que lugar o conceito de legitimidade está sendo posto. Segundo Charaudeau, a noção de legitimidade não é exclusiva do domínio político e “o mecanismo pelo qual se é legitimado é o reconhecimento de um sujeito por outros sujeitos, realizado em nome de um valor que é aceito por todos” (CHARAUDEAU, 2006, p.65). Para este artigo, destacaremos a legitimidade para o domínio político e a legitimidade para o domínio das mídias da informação.

O autor pontua que, enquanto a legitimidade política é sempre o resultado de um olhar social que reflete os valores em nome dos quais esta se funda, a legitimidade das mídias de informação está em constante conflito pelo fato deste domínio ser regido pela lógica da informação cidadã e da concorrência comercial (CHARAUDEAU, 2006). Nesse sentido, a legitimidade é uma das questões existentes na relação entre a instância política, cidadã e a midiática. Observando de modo mais amplo é possível perceber que, em toda sociedade, a relação mídias-democracia implica essas três instâncias, e cada uma destas entidades se define através das outras (CHARAUDEAU, 2010, p. 277).

Ainda sobre a questão da legitimidade, vale considerar a questão de gênero do sujeito político. Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos no que se refere à representação pela instância midiática do sujeito político mulher (BIROLI, 2010; COSTA, 2010; FINAMORE & CARVALHO, 2006; LIMA, 2011; MORAES, 2008). Existe uma discursivização sobre a relação entre mulher e política que apresenta uma regularidade de que à mulher cabe o espaço privado. Assim, para adentrar ao espaço público ela necessitaria de uma legitimação prévia, para depois conquistar a legitimidade enquanto sujeito político, o que não ocorre com o sujeito político homem. O funcionamento dessa regularidade será melhor explanado nas análises das charges.

Tendo em vista o exposto, retomamos ao título desta seção, associando o samba com “o povo” (lugar social e discursivo de cidadão e eleitor), a mídia – neste caso a instância jornalística – com o Aparelho Ideológico do Estado (não como instituição que possui uma ideologia dominante, mas, segundo Pêcheux (2014), um lugar onde ela se manifesta) e a legitimidade com a ideologia, isto é, como um conceito ideológico, por transformar-se numa arena de luta entre os cidadãos, que

deram a legitimidade pelo voto, e a mídia, que resiste a essa legitimidade pela representação derrisória através da charge.

“Vou tratar você com força bruta” - No compasso de uma charge

Assim como a grande maioria dos sambas são criados em um padrão rítmico de compasso binário (ADOLFO, 2013), as charges são marcadas principalmente por duas características: o humor e a crítica (RABAÇA & BARBOSA, 1987; ROMUALDO, 2000; BENITES & MAGALHÃES, 2010). Antes de traçar o funcionamento dessas características, torna-se necessário fazer uma breve descrição do gênero em questão.

Partindo do conceito proposto por Bakhtin (2003, p. 262), consideramos que os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, que são elaborados pelos campos de utilização da língua nas atividades humanas. Esses enunciados estão ligados por três elementos em sua totalidade – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – os quais são determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.

Ao trazer essa definição para o texto chágico, nota-se que a estabilidade relativa pode residir em seu estilo e tema, ao associar crítica com humor. Conforme Rabaça e Barbosa (1987, p. 126), tal texto possui poder de síntese e tem como objetivo realizar uma crítica humorística a respeito de um acontecimento, geralmente de natureza política, podendo até ter peso de editorial.

Outra regularidade presente nas charges está relacionada à construção composicional. A informatividade é transmitida pelo sincretismo do sistema pictórico e verbal; possui elementos de caráter icônico, como legendas, balões, onomatopeias (ROMULADO, 2000). O autor também acrescenta como característica fundamental a relação intertextual entre a charge e outros textos no processo de constituição de efeitos de sentidos.

Esse tateamento a respeito do gênero discursivo charge permite que seja possível avançar para as duas categorias supracitadas: o humor e a crítica. Destacamos que estes estão imbricados - é no funcionamento do humor chágico que se constitui a crítica, através de jogos parafrásticos, pelo deslize de sentidos, pelos implícitos (pressuposto ou subentendido), pela derrisão, pela ironia. Assim, é

possível descrever o humor como “uma forma criativa de descobrir, revelar e analisar criticamente o homem e a vida [...] de desmontar, através da imaginação, um falso equilíbrio anteriormente sustentado pela própria imaginação” (ZIRALDO *apud* RABAÇA & BARBOSA, 1987, p. 321).

Sobre a derrisão, Benites e Magalhães (2010, p. 154) afirmam que ela se configura como um mecanismo muito utilizado nos textos chárgicos por criticar, ofender e denunciar através do riso. Ao conceituar o efeito da derrisão, Bonnafous, a partir de excertos das enunciações faladas por Jean-Marie Le Pen, considera que “Ele denigre e ridiculariza seus adversários, [...] ele se esquia de ter que fundamentar seus ataques em demonstrações; [...], ele evita os processos ou os atenua, ao se abrigar na brincadeira” (BONNAFOUS, 2003, p.42).

Esse funcionamento aproxima-se da explicação de Baronas (2005, p.106), quando a caracteriza como “uma espécie de ‘amabilidade verbal’ violenta que por produzir o riso foge das sanções negativas da legislação e, principalmente, da opinião pública”. Nesse sentido, no gênero discursivo charge, há a possibilidade de acusar e criticar sem muitas restrições, pelo fato deste “lugar-piada” estar legitimado e livre de implicações jurídicas.

Através do humor crítico há a produção de efeito de sentido de deslegitimação do sujeito político de seu lugar social e, nesta prática, há a tentativa de construção de credibilidade por parte da mídia, ao exercer seu papel de denúncia e crítica da situação política. Há uma relação de forças, na qual o jogo ideológico que produz o efeito de sentido de legitimação e deslegitimação está em constante movimento entre a instância midiática e a política.

Após levantar essas considerações, segue-se para a análise proposta.

“Eu vou acabar ficando nu” - Análise do *corpus*

Sem a pretensão de fazermos uma interpretação que “desnude” os efeitos de sentidos da charge (até porque o conceito de ideologia para a AD não é aquela que é mascarada), mas na tentativa de realizar um gesto de leitura que possibilite entender como se dá o funcionamento da materialidade verbo-visual das charges,

circunscritos na história, para a produção dos possíveis efeitos de sentido, apresentamos a primeira charge a ser analisada:



Charge 01. O Globo, 03 de janeiro de 2015

Produzida pelo chargista Chico Caruso, este texto verbo-visual está alocado no site O Globo, na seção Brasil/Blog do Noblat/ Humor e foi publicado no dia 03 de janeiro de 2015. Em um primeiro momento, é possível reconhecer a que fato tal charge faz referência: a posse do segundo mandato de Dilma Rousseff à Presidência da República, ocorrida no primeiro dia do ano de 2015. Partindo do intradiscursos, nota-se que a charge é intitulada como “Entreouvido passando a faixa”, traz a imagem de Dilma Rousseff em primeiro plano e o Batalhão da Guarda Presidencial (BGP), desfocado, em segundo plano. A eleita está colocando a faixa presidencial, juntamente com a legenda representando a sua fala como “Até isso eu tenho que fazer sozinha”.

O texto chárigo produz efeito cômico pela situação da cerimônia de reeleição ser simbolizada literalmente, isto é, do presidente anterior passando a faixa para o presidente atual que, neste caso, é a mesma pessoa. Ao apresentar a presidente sozinha com essa fala, a mensagem da charge metaforiza de maneira crítica a aparente falta de apoio político da reeleita naquele momento.

Ao resgatar a definição de charge como um “texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico” (ROMUALDO, 2000, p. 21), pode-se passar do plano descritivo para o interpretativo-discursivo.

O primeiro fator que deve ser levado em conta é que as charges foram veiculadas em plataforma virtual. Tal informação é necessária porque o lugar onde um determinado texto está circunscrito é constituinte do discurso por ele produzido. Daí a importância de traçar as características do meio em que tal materialidade discursiva aparece circunscrita.

Enquanto as charges impressas circulam em conjunto aos demais textos jornalísticos, as charges *online* diferem-se porque aparecem, em sua maioria, de forma isolada, diferença que é significativa quanto às práticas discursivas, pois envolvem condições de produção diferenciadas.

As charges analisadas enquadram-se nessa última categoria. Para ter acesso a elas, o leitor precisa entrar em um diretório específico (seção Brasil/Blog do Noblat/ Humor) e as encontrará isoladamente, distribuídas pela data de publicação (charge do dia). Esse suporte constitui os efeitos de sentido produzidos, pois o leitor da charge *online* não possui contato direto com outros textos pertencentes ao jornal, como acontece na versão impressa, na qual a charge é circundada por outras reportagens.

Disso decorre o efeito de unidade e naturalização, pois como o material apresenta-se de maneira isolada, não há, num primeiro momento, como relacionar com outros textos. A charge passa a ser a representação de um fato de forma sintética, em uma única imagem, apagando outros dizeres que poderiam constituir o sentido, caso estivesse relacionada a outros textos. Esse efeito pode ser verbalizado como se a mensagem da charge fosse essa: “A posse de Dilma Rousseff pode ser resumida com essa única imagem”.

O título baseia-se no efeito de verdade, um dos pilares da instância jornalística. Ao utilizar o termo “entreouvido”, há o efeito de sentido de que a charge está contando o que ninguém mais ouviu, revelando aquilo que estava oculto, transparecendo os bastidores da cerimônia, atribuindo à representação do fato como a mais próxima da realidade.

Em relação à fala da personagem “Até isso eu tenho que fazer sozinha”, pode-se considerar que ela funciona de maneira dupla: para representar a cena da presidente sozinha colocando a faixa nela mesma, e para inferir a falta de apoio político. A marca linguística “até” possibilita essa dupla interpretação, pois se

configura como um elemento de coesão que estabelece gradação entre os componentes de uma certa escala (a gradação é implícita neste caso), situando a cerimônia solene de passar a faixa no topo desta escala.

A aparente falta de apoio político foi possível ser mobilizada pelo enunciado (além da gradação implícita e a representação imagética) porque aponta para um dos itens constituintes das condições de produção, que é o momento político do Brasil no período em que a charge foi publicada. Segundo os dados da apuração dos votos, Dilma Rousseff foi eleita com 51,64% dos votos contra 48,36% de Aécio Neves, a menor diferença entre os presidenciáveis numa disputa eleitoral desde a redemocratização. Esse fato possibilitou emergir enunciados de que o país estava dividido, o que fez com que a reeleita pronunciasse em seu primeiro discurso pós-eleitoral que estava aberta ao diálogo⁴. O efeito de humor, neste caso, estaria na interpretação de que, apesar da presidente estar aberta ao diálogo, ela estava sozinha, sem ninguém com interesse de dialogar com ela.

O enquadramento da charge corrobora com o efeito de sentido de exclusão de Dilma, e a inscrição “a partir da foto de Eduardo Anizelli”, localizada no canto inferior direito, logo abaixo da assinatura do autor, atribui ao texto verbo-visual um caráter de verossimilhança ao fato “dia de posse”. A charge faz referência à foto que foi motivo de inspiração, mas o suporte não traz o link com tal foto referendada para o leitor acessar. Isso é significativo, pois, se nos jornais impressos era possível essa relação mais próxima, pelo fato da charge estar diagramada juntamente com as demais reportagens e/ou fotos sobre um determinado acontecimento, na plataforma virtual, neste caso, cabia ao leitor pesquisar sobre tal foto. Em outras palavras, se era mais fácil perceber no suporte impresso o grau maior ou menor de aderência entre charge e foto (ROMUALDO, 2000), no meio virtual essa possibilidade se dilui.

A partir dessa realidade, ao verificar a foto citada⁵, percebe-se que o enquadramento é fechado e em plano médio (da cintura para cima), diferentemente do enquadramento e plano da charge, que é bem mais aberto e em plano americano

⁴ Discurso disponível em vídeo em <http://g1.globo.com/distrito-federal/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-se-diz-disposta-ao-dialogo-e-afirma-que-pais-nao-esta-dividido.html>

⁵ Foto disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/01/1570169-leitores-criticam-cobertura-sobre-a-posse-de-dilma.shtml>

(do joelho para cima). É certo que a charge é uma representação caricata de um determinado acontecimento, não precisando necessariamente ser fiel ao fato, mas não se pode ignorar que a composição alterada em relação à fonte possibilita novos efeitos de sentido. A charge revela que foi composta a partir de uma fotografia, atribuindo-lhe um efeito de verossimilhança, mas apaga que mudou o enquadramento e o plano, reelaborando-os e produzindo outros efeitos de sentidos.

Retomando toda a composição chárstica que constitui o que Maingueneau (2002) denomina de cena enunciativa, há como fazer um gesto de leitura que direciona para outros efeitos de sentidos possíveis. Quando esta composição verbo-visual traz Dilma colocando a faixa sozinha, há o apagamento da figura do ministro Renato Mosca, chefe do cerimonial da presidência da república, o qual concedeu a faixa para a presidente durante a cerimônia de posse. Esse apagamento foi possível pela própria brecha que tal cerimônia permite: se a faixa presidencial é passada solenemente do presidente anterior para o presidente que assumirá os próximos quatro anos, e neste caso, ambos constituíam a mesma pessoa, por se tratar de uma reeleição, então tal construção imagética pode ser sustentada pelo humor de Dilma Rousseff passar a faixa para ela mesma.

O que, talvez, tal veículo não imaginava ter como possível interpretação da formulação veiculada é que tal representação pôde ter soado como inverossímil: o verbo no gerúndio do título das charges (“entreouvido passando a faixa”) carrega consigo a carga semântica de transmissão, deslocamento de algo entre os sujeitos. Ora, se não havia ninguém para passar a faixa para a eleita à presidência da república, como ela foi parar em suas mãos? Teria a faixa caído do céu, em oposição ao que Pêcheux (1997b, p.144) contesta sobre a hegemonia da ideologia da classe dominante (“a ideologia da classe dominante não se torna dominante pela graça do céu”)?

O que está sendo questionado aqui é que, no processo de constituição de sentidos que direcionam para a deslegitimação de Dilma Rousseff do lugar social de Presidente da República, houve também a possibilidade de outros dizeres, isto é, “possíveis ‘outros’” (ORLANDI, 2013, p.79). Assim, outro efeito de sentido possível é

o da legitimidade de Dilma Rousseff⁶. Isso porque, apesar da aparente falta de apoio político, quem estava recebendo a faixa presidencial era ela, independentemente se foi pelo ministro Mosca (que foi apagado da cena enunciativa), se foi por ela mesma (já que se tratava de uma reeleição, o que se configura como uma vitória), ou ainda se foi pelo Altíssimo. Tal efeito aponta para a contradição, constituinte de todo discurso.

Dando sequência à análise do *corpus*, segue a segunda charge, veiculada no dia posterior:



Charge 02. O Globo, 04 de janeiro de 2015

Em princípio, nota-se que é praticamente o mesmo desenho do dia anterior, tanto que o título se repete. As diferenças estão no enquadramento, que é mais fechado, no plano de fundo, que não aparece o Batalhão, e na legenda. Essas mudanças permitiram uma ressignificação da charge do dia anterior, com a qual mantém relação intertextual - mas sem mudar o posicionamento discursivo.

Partindo da formulação “Este figurino do 2º mandato é mais apertadinho...”, percebe-se que as diferentes filiações às formações discursivo-ideológicas podem

⁶ Ancoradas em Pêcheux (2014, p.4), ousamos pensar que mesmo que o jornal O Globo tenha uma posição-sujeito direcionada à deslegitimação de Dilma isso não significa dizer que os sentidos de legitimação possam ser simplesmente apagados, pois a contradição é constitutiva do discurso. O que ocorre é que enquanto “lugar e meio de dominação ideológica”, ele veicula a deslegitimação como sentido dominante.

levar a efeitos de sentidos diferentes. Assim, uma filiação a uma FD relacionada aos saberes do campo feminino ligado à preocupação com o peso é acionada de forma estereotipada, como é comum ver-se a representação dos sujeitos políticos mulheres na e pela mídia. Por outro lado, uma filiação a uma FD política sugere a falta de governabilidade devido à falta de apoio político, referindo-se à situação em que a presidente ganhou as eleições por uma pequena diferença em relação ao seu concorrente.

Baseadas na concepção de derrisão de Bonnafous (2003), podemos associar humor e agressão para pensar discursivamente a composição verbo-visual dessa charge. A autora questiona (2003, p.40): “se as brincadeiras rituais sobre as mulheres [...] realmente fazem rir as pessoas que são seus alvos ou se todos esses grupos tomam essas blague como uma forma de injúria [...]”. Nessa charge, temos um funcionamento discursivo que subtrai a legitimidade do seu papel de presidente, por meio de um sutil procedimento discursivo que a desqualifica por meio do ridículo.

Para a derrisão funcionar, é necessário resgatar da memória discursiva os discursos de uma FD feminina cujo saberes se voltam à preocupação com o peso, por exemplo. Nesta retomada de outros já ditos, há deslizamentos de sentidos, pois a historicidade é representada “pelos deslizes produzidos nas relações de paráfrase que instalam o dizer na articulação de diferentes formações discursivas, submetendo-os à metáfora (transferências), aos deslocamentos: possíveis ‘outros’” (ORLANDI, 2013, p. 79).

Neste deslocamento, a questão da legitimidade do sujeito político Dilma Rousseff não fica mais restrita ao campo político. Quando esse sujeito é mulher, outros dizeres de outros campos, os quais, em princípio, não estariam relacionados ao âmbito político, passam a ser centrais e constituir o imaginário coletivo em relação à legitimidade desse sujeito.

Da mesma forma, em relação ao segundo efeito de sentido da formulação que corresponde à fala de Dilma Rousseff, a pequena diferença de votos é representada visualmente e linguisticamente pela charge. Se forem simuladas outras formulações dentro da mesma família parafrástica (ORLANDI, 2013, p. 78), seriam possíveis enunciados como “Este figurino do 2º mandato está mais apertado que o primeiro” ou “Este figurino do 2º mandato quase não serviu”. É possível fazer a

relação de que, se uma determinada roupa fica apertada em quem veste, é porque ela quase não serve, ou é vestida com dificuldade, não é confortável. Sendo assim, o efeito de sentido posto em funcionamento neste caso também é de deslegitimação, uma vez que realiza uma metáfora de que as eleições foram ganhas por uma diferença mínima, e que Dilma Rousseff “passou apertado”, “ganhou por pouco”.

O uso da palavra no diminutivo (“apertadinho”) e das reticências são marcas linguísticas que sugerem um efeito de ironia nesta charge. Conforme Maingueneau (1993, p. 99) a ironia não é uma atividade desinteressada. Semelhantemente às charges pela sua aparência de ser lúdica, “o autor de uma enunciação irônica produz um enunciado que possui, a um só tempo, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isto deveria acarretar” (MAINGUENEAU, 1993, p. 100).

Os valores contraditórios nesta charge podem ser percebidos numa relação de legitimação do sujeito político Dilma Rousseff ao representá-la colocando a faixa presidencial e de deslegitimação ao fazer essa representação de maneira derrisória. Dito de outra forma, já que não se pode extirpar o acontecimento histórico “dia de posse”, representam-no de maneira irônica e derrisória, minimizando-o.

Nessa perspectiva, é relevante trazer as considerações de Passeti (1995, p. 65) quando afirma que o efeito irônico é produzido “[...] pelo autor que organizou esse texto de forma tal, que se garantisse a unidade e a coerência, mesmo veiculando pontos de vista contraditórios”. Isto porque a ironia é, segundo Passeti (1995, p. 54) “[...] um tipo de discurso que exige uma interação entre os sujeitos envolvidos no processo de constituição do sentido, tanto na instância de produção quanto na de recepção”.

Na produção de sentidos dessas charges *online* se materializa a relação entre a instância política, a jornalística e a cidadã sobre a questão da legitimidade. A partir dessa relação de forças, isto é, de FDs significando e ressignificando os sentidos de legitimidade, as formações imaginárias são projeções suscetíveis a deslocamentos de sentidos, e as charges em análise também apontam para esse fenômeno, o que reforça o princípio de heterogeneidade constitutiva dos discursos. A legitimidade é o conceito que se torna arena de relações de forças, que significa

de maneira diferente, dependendo da FD sob a qual o sujeito se filia, e os efeitos de sentido produzidos são heterogêneos e contraditórios em sua própria constituição.

“Eu vou pra luta pois eu quero me aprumar” - Considerações finais

Realizar um gesto de leitura sob o viés da Análise de Discurso é considerar o sujeito descentrado que possui a ilusão de ter a origem do seu dizer e, conseqüentemente, a ilusão de ter o controle dos efeitos de sentido desse dizer. Todavia, o fato de reconhecer essa impossibilidade de controlar os efeitos de sentidos não o impede de ir à luta, já que o meio social é constituído por relações de forças e lutas ideológicas. Sendo assim, se “a história é um imenso sistema ‘**natural-humano**’ em movimento, cujo motor é a luta de classes” (ALTHUSSER, 1978, p. 28), então se pode dizer que a ilusão e a vontade de “se aprumar” são a força motriz para que a luta continue nas práticas sociais.

A escolha de um samba como norteador metafórico neste trabalho possibilitou mostrar como o sentido não está preso nas palavras, além de mobilizar outros sentidos, na tentativa de compreender como se dão as práticas discursivas entre sujeitos, pelo funcionamento da língua circunscrita na história.

Conclui-se que as charges produzem, ao mesmo tempo, efeitos de sentido de legitimação e de deslegitimação. No entanto, essa relação se dá de maneira assimétrica, prevalecendo a deslegitimação. Tal efeito de sentido, na primeira charge, se dá pelo enquadramento aberto e pela fala da presidente, os quais apontam para a falta de governabilidade de Dilma Rousseff enquanto sujeito político. Já na segunda charge, a deslegitimação como efeito de sentido produzido se dá pelo funcionamento da memória dos discursos pertencentes ao campo feminino; referir-se à faixa presidencial como um “figurino mais apertadinho” pode ser um mecanismo ideológico que pressupõe estar filiado às FDs cristalizadas no que se refere às questões de gênero (masculino X feminino; espaço público X espaço privado). Pode-se afirmar que as duas charges possuem seqüências discursivas que correspondem às famílias parafrásticas de uma matriz de sentido em que predominam o efeito de deslegitimação.

Finalizamos o gesto de leitura proposto realizando uma última metáfora na composição do estilo adotado na tessitura deste artigo. Ao resgatar da memória

coletiva o sentido naturalizado da marginalização atribuída ao samba, representando-o como uma forma de resistência, tal estilo musical, neste estudo, pode ser associado com a resistência constituinte do sujeito cindido da AD, que, por sua vez, aponta para a contradição constituinte dos discursos. Na materialidade verbo-visual da charge não há como apagar a contradição dos discursos postos em funcionamento: legitimação e deslegitimação estão ali materializando o jogo de forças no campo político e midiático. Nessa linha de raciocínio, realizar um gesto de leitura sob a perspectiva da AD é levar em consideração a existência da constante tensão, luta e resistência - o motor da história -, o qual pode ser comparado (e ressignificado) a outro famoso refrão de um samba: “não deixe o samba morrer, não deixa o samba acabar...”.

Referências

- ADOLFO, A. **Workshop de música brasileira**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2013.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Portugal, Presença/Brasil, Martins Fontes, 1974.
- _____. Resposta a John Lewis. In: **Posições 1**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1978.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In:_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARONAS, R.L. Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada. **Polifonia**, Cuiabá, n. 10, EDUFMT, p. 99-111, 2005.
- BENITES, S. A. L.; MAGALHÃES, A. P. Sentido, história e memória em charges eletrônicas: os domínios do interdiscurso. In: Possenti, S.; Passetti, M. C. (orgs.) **Estudos do texto e do discurso: Política e Mídia**. Maringá: Eduem, 2010, p. 149-176.
- BIROLI, F. Mulheres e política nas notícias: estereótipos de gênero e competência política. In.: **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 90/2010. Disponível em <<http://rccs.revues.org/1765>>. Acesso em: 19 de mai. 2016
- BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em Jean-Marie Le Pen. In GREGOLIN, M. R. V. **Mídia e discurso: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

CARUSO, C. **Charge 01.** Disponível em <<http://noblato.globo.com/charges/noticia/2015/01/charge-de-chico-caruso-03-01-2015.html>>. Acesso em: 25 de set. 2015

_____. **Charge 02.** Disponível em <<http://noblato.globo.com/charges/noticia/2015/01/charge-de-chico-caruso-04-01-2015.html>>. Acesso em: 25 de set. 2015.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** Tradução Ângela S. M. Corrêa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Discurso político.** Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, J. M. S. **Mulher e política: discursivizações sobre candidatas na mídia online.** 2010, 163 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

FINAMORE, C. M.; CARVALHO, J. E. C. Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso. In.: **Estudos feministas.** v. 14, n.2, p.347-362 Florianópolis, maio-setembro 2006. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/24327524>> Acesso em 19 de mai. 2016.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In.: SEAD - Seminário de estudos em análise do discurso, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS , 2005.

LIMA, F. F. P. A. **(Re)significações da mulher política na mídia: memória, corpo, territorialidade.** 2011. 186 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp – Araraquara, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** Trad. Freda Indursky. 2ª ed. Campinas, SP. Pontes: Editora da Unicamp, 1993.

_____. **Análise de Textos de comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje.** Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MORAES, F. B. C. **As mulheres na política brasileira: um estudo sob a perspectiva sistêmico-funcional.** 2008, 133 f. Dissertação (Mestrado) – Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC, São Paulo, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 11ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PASSETTI, M. C. C. **O discurso irônico**: análise da argumentação irônica em textos opinativos da Folha de S. Paulo. Dissertação. UNESP, Assis: 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In.: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163 – 252.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In.: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997 c, p. 61-162.

____. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1997 a.

____ (2014). **Ousar pensar e ousar se revoltar**. Ideologia, marxismo, luta de classes. Décalages: Vol. 1: Iss. 4. Disponível em <<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15> >. Acesso em 24 out. 2015.

____. Papel da Memória. In.: ACHARD, P. et. al (org). **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999

____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et al]. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997 b.

POSSENTI, S. Sobre as noções de sentido e efeitos de sentido. In.: ____ **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar, 2002, p. 167-186.

____. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In.: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de comunicação**. Editora Ática S.A. São Paulo, 1987.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia. Maringá: Eduem, 2000.

ROSA, N. de M. **Com que roupa?** Rio de Janeiro, 1930.

Recebido em 29 de fevereiro de 2016
Aceito em 02 de maio de 2016